

COMPORTAMENTO LEITOR DE UNIVERSITÁRIOS: UM ESTUDO COM ALUNOS DE ADMINISTRAÇÃO E COMPUTAÇÃO

Raúl Cesar Gouveia FERNANDES
Rodrigo Filev MAIA

Centro Universitário da FEI (SP)
rcesar@fei.edu.br
rfilev@fei.edu.br

Resumo: Professores universitários queixam-se com frequência de seus alunos, dizendo que eles leem pouco e têm dificuldades de compreensão da bibliografia indicada, mas em geral pouco se faz para enfrentar tal problema. Tendo em vista esta situação, os autores realizaram uma sondagem junto a 787 estudantes dos cursos de Administração e Computação de uma instituição particular de São Paulo, com vistas a conhecer seus hábitos, percepções e preferências de leitura. Serão apresentados aqui os principais resultados deste levantamento, que apontam para uma situação paradoxal: embora os participantes tenham afirmado possuir consciência da importância da leitura para sua formação como profissionais e cidadãos, a frequência de leitura de livros e outros suportes tradicionais em papel foi significativamente inferior às médias identificadas em levantamentos nacionais.

Palavras-chave: hábitos de leitura; formação de leitores; ensino superior

Contrastando com a riqueza de informações disponíveis sobre os hábitos e as competências de leitura dos alunos do ensino fundamental e médio, sabe-se ainda muito pouco sobre o comportamento leitor dos universitários brasileiros.

As únicas informações disponíveis sobre o assunto são provenientes de estudos de caráter demasiadamente geral ou muito restrito. Pesquisas nacionais de grande amplitude, como o INAF (Indicador de Alfabetismo Funcional, medido pelo Instituto Paulo Montenegro) e a *Retratos da Leitura no Brasil*, do Instituto Pró-Livro, fornecem informações valiosas sobre o tema, mas, em meio à grande abrangência de seus resultados, nem sempre é possível identificar com precisão os hábitos leitores dos atuais estudantes universitários. Por outro lado, sondagens realizadas junto a alunos de uma única instituição, como é o caso do presente estudo, ainda que relativamente numerosas, não deixam de ser muito localizadas; sendo assim, dada a heterogeneidade das IES brasileiras, seus resultados não são generalizáveis. Em suma, o conhecimento das práticas e competências leitoras dos universitários de nosso país ainda é incipiente, de modo que, neste terreno, predominam as impressões mal fundamentadas e as persistentes queixas de docentes, alarmados com o que parece ser uma crescente inaptidão para a leitura por parte das novas gerações que chegam à universidade.

O relativo desinteresse pelo tema tem várias causas, mas a principal delas é que a formação de leitores continua a ser preocupação quase exclusiva de educadores dedicados aos primeiros anos do ensino fundamental. Tudo se passa como se o aluno que chega à universidade devesse naturalmente ser um leitor assíduo, crítico e competente; ainda que tal pressuposto seja cotidianamente desmentido em sala de aula, pouco se faz para compreender e enfrentar o problema. Por isso, este trabalho nasceu da convicção de que é preciso conhecer o

quê, quanto e como os estudantes universitários leem, de modo a superar as avaliações subjetivas e muitas vezes catastrofistas dominantes entre os docentes e, assim, buscar novos meios para promover hábitos de leitura compatíveis com as exigências de um curso superior.

Para bem compreender a questão é preciso não perder de vista outros fatores, a começar pela constatação de que a expansão do ensino superior, ocorrida nas últimas décadas, alterou profundamente o perfil do universitário brasileiro. O aumento de vagas em instituições privadas e a proliferação de cursos noturnos, a que se somam programas como o Prouni e a promoção da política de cotas, vêm permitindo que parcelas crescentes de jovens provenientes da escola pública e de famílias com baixo nível de instrução tenham acesso a cursos superiores. Se os benefícios sociais advindos de tais mudanças são inegavelmente positivos, também é verdade que esta situação traz consigo novos desafios, pois é cada vez maior a quantidade de alunos que chegam à universidade com formação básica deficiente e – aspecto decisivo para o que diz respeito ao tema desta pesquisa – sem hábitos de leitura consolidados.

No caso brasileiro, portanto, à propalada “crise da leitura”, que se traduz no declínio dos hábitos leitores entre as novas gerações, detectado em diversos estudos internacionais (BAUERLEIN, 2005; KNULST; VAN DEN BROEK, 2003, entre outros), soma-se o desafio de promover as práticas de leitura de estudantes provenientes de extratos sociais tradicionalmente excluídos da formação superior. Os dois aspectos – os hábitos de leitura dos jovens da geração digital e as lacunas na formação básica de expressiva parcela dos que atualmente chegam à universidade – devem ser considerados em qualquer tentativa de descrição do comportamento leitor dos universitários brasileiros.

A maior parte dos estudos sobre o tema visa identificar os níveis de compreensão em leitura apresentados pelos estudantes (cf., entre outros, SILVA; SANTOS, 2004; CUNHA; SANTOS, 2005 e os trabalhos reunidos em WITTER, 1997). Sem desconsiderar a importância dessa abordagem, o presente estudo atém-se a outros aspectos, menos explorados até o momento, tais como os hábitos, percepções e preferências de leitura dos universitários.

Metodologia

A pesquisa contou com a participação de dois bolsistas de Iniciação Científica¹ e teve por objetivo conhecer o comportamento leitor de estudantes universitários. Para tanto, formulou-se questionário com 41 perguntas a ser respondido por alunos de Administração de Empresas e Ciências da Computação de uma tradicional instituição particular de ensino em São Paulo. As 15 primeiras questões procuravam identificar o perfil dos participantes, levantando dados relativos a idade, sexo, estado civil, escolaridade dos pais e renda familiar, entre outros. As 26 perguntas específicas abrangiam temas como hábitos e frequência de leitura por lazer e por obrigação, suportes de leitura e leitura digital, preferências, percepções e dificuldades de leitura. A fim de facilitar a comparação com resultados de sondagens mais amplas, o questionário incorporou, com adaptações, perguntas de outras pesquisas, como a *Retratos da Leitura no Brasil*, o INAF e o PISA².

O questionário foi entregue às turmas de 1º, 5º e 8º ciclos dos referidos cursos, sempre em dois semestres consecutivos, nas primeiras semanas de aula do período letivo. A aplicação do questionário em dois semestres sucessivos objetivou evitar influências decorrentes do período de ingresso dos alunos, visto que a instituição promove dois vestibulares por ano. Participaram da pesquisa estudantes matriculados nos dois *campi* da instituição: um na capital

¹ Camila Rocha Castor Correia e Fernando Lombardi são alunos de Administração e participaram do programa de Iniciação Científica, uma com bolsa da própria instituição em que estuda e o outro com bolsa do CNPq.

² Iniciativa da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o PISA (Programme for International Students Assessment), avalia estudantes com 15 anos de idade em diversos países do mundo.

paulista e outro situado na região do ABC. Cumpre ressaltar que o questionário era anônimo e vinha precedido por um termo de consentimento livre e esclarecido; além disso, os alunos foram informados de que a participação na pesquisa era voluntária e que as respostas dadas não teriam influência sobre seu desempenho acadêmico.

Perfil dos participantes

Ao todo, 787 estudantes dos 1º, 5º e 8º ciclos dos cursos de Administração e Computação preencheram o questionário proposto. A taxa de adesão foi alta, de cerca de $\frac{3}{4}$ do total de 1050 alunos matriculados nestes ciclos durante o período da coleta dos dados; a grande maioria dos que deixaram de responder ao questionário não estavam presentes na aula em que ele foi distribuído. Dos 787 participantes, 255 estudam no *campus* São Paulo e 532 em São Bernardo do Campo; a maioria (593 alunos) cursa Administração e está matriculada no noturno (697 participantes).

Embora no curso de Administração haja predomínio de público feminino (56,83%), na amostra geral os homens são maioria (413 alunos, ou 52,48% dos participantes). A média de idade dos sujeitos é de quase 21 anos: 301 (ou 38,24% dos alunos) declararam ter menos de 20 anos e outros 394 (50,06% da amostra) informaram ter entre 20 e 24 anos de idade; apenas 25 participantes disseram ter 30 anos ou mais (3,18% do total). Como seria de se esperar em grupo ainda tão jovem, a maioria declarou nunca ter sido casada (92,38%), não ter filhos (94,28%) e morar com os pais (89,58%). Apesar disso, 72,94% dos respondentes informaram trabalhar, proporção que é evidentemente maior entre os alunos de 8º ciclo: enquanto 55,84% dos calouros trabalham, a porcentagem aumenta para 90,61% entre os formandos.

Considerando o total da amostra, pouco mais da metade dos participantes representa a primeira geração da família a chegar à universidade: apenas 44,73% declararam que seus pais ou responsáveis masculinos têm curso superior completo ou incompleto (39,77% no caso das mães ou responsáveis femininas); por outro lado, 20,09% dos pais e 19,18% das mães têm no máximo ginásio completo. É preciso observar, contudo, que neste aspecto as respostas dadas pelos participantes dos diferentes cursos apresentam importantes discrepâncias. Entre os alunos de Computação, a maioria dos pais ou responsáveis masculinos têm curso superior completo ou incompleto, o que não se dá entre os estudantes de Administração (C = 55,16%; A = 41,32%); o mesmo ocorre em relação às mães (C = 51,55%; A = 35,92%)³.

Às diferenças de escolaridade dos pais correspondem variações de renda familiar entre os diferentes grupos. Do total de participantes, além dos 3,05% que não responderam a este quesito, 28,85% declararam renda familiar de até 5 salários mínimos (dado que pode explicar também o fato de 240 alunos, ou 30,50% dos respondentes, terem informado custear seus estudos com algum tipo de bolsa). Quanto aos que declararam renda superior a 10 salários mínimos, as discrepâncias entre os cursos são mais evidentes: A = 34,57%; C = 49,48%; T = 38,25%. O mesmo ocorre com relação ao tipo de estabelecimento frequentado no ensino médio: a porcentagem dos participantes que informaram ter estudado apenas em escolas particulares é superior em Computação (C = 55,15%; A = 40,64%; T = 44,22%).

É possível concluir, em suma, que parcela expressiva dos participantes corresponde ao novo perfil do universitário brasileiro, comentado acima: na maioria dos casos, representam a primeira geração da família a chegar à universidade, estudaram integral ou parcialmente em escolas públicas no ensino médio e têm renda familiar de até 10 salários mínimos.

³ Neste trabalho, serão usadas as siglas A e C para designar, respectivamente, os resultados relativos aos alunos dos cursos de Administração e Computação, quando houver diferenças significativas entre eles; os resultados gerais, respeitantes ao total da amostra, serão indicados com a letra T.

Resultados e Discussão

a) Hábitos de leitura: os livros e o prazer da leitura

O primeiro grupo de perguntas específicas do questionário indagava sobre a leitura por prazer, dissociada de qualquer obrigação acadêmica ou profissional. Uma das questões apresentava elenco de 20 atividades normalmente realizadas no tempo livre, das quais poderiam ser eleitas quantas os respondentes desejassem. Os resultados mostram que a leitura ocupa o 9º lugar entre as opções dos participantes, com 44,98% de preferências; a proporção é, inclusive, praticamente idêntica entre os estudantes dos dois cursos analisados. Na amostra geral, os itens mais escolhidos foram “navegar na internet” (74,08%), “sair com os amigos” (73,32%), “ir ao cinema” (68,87%) e “descansar” (68,36%); a opção “assistir à TV” ocupou um modesto 5º lugar, com 55,78% de preferências. Algumas das discrepâncias mais significativas entre os dois cursos foram encontradas nas opções “navegar na internet” (A = 69,81%; C = 87,11%) e “jogar videogame ou jogos de mesa” (A = 31,37%; C = 69,07%; T = 40,66%). A opção “escrever” foi pouco escolhida (8,51% do total) e em último lugar comparece o item “ir a museus ou exposições”, com apenas 7,75% das preferências.

Apesar de ocupar posição intermediária no rol de atividades propostas, foi elevada a quantidade de menções à leitura. É preciso ter em mente que a formulação da pergunta (“O que você gosta de fazer em seu tempo livre?”) mirava propositalmente a prática da leitura voluntária e por lazer, e não é óbvio que quase metade dos participantes, em sua maioria bastante jovens, tenha declarado gostar de ler em seu tempo livre. Pergunta muito semelhante foi proposta pelos organizadores da já lembrada *Retratos da Leitura no Brasil* (doravante RLB) e, embora a leitura tenha ficado em 7º lugar na lista de atividades propostas (em posição mais alta que no presente estudo, portanto), a opção foi escolhida por apenas 28% dos entrevistados (FAILLA, 2012, p. 283). Convém lembrar ainda que, de acordo com o PISA, cerca de 80% dos estudantes brasileiros declararam cultivar o hábito de ler por prazer, índice que os situa entre os primeiros do mundo neste quesito (OCDE, 2011, p. 67-71).

No questionário entregue aos universitários, havia outra pergunta que voltava ao mesmo tema: “Você gosta de ler para se distrair?”. Neste caso, apenas 15,25% dos participantes declararam não gostar de ler (A = 13,83%; C = 19,59%); o restante disse gostar muito (247 alunos, ou 31,39% dos sujeitos) ou gostar um pouco (53,11%). Os números também são animadores em comparação com os obtidos pela RLB, na qual os que gostam muito de ler somaram 25% e os que gostam um pouco foram 37%; 30% declararam não gostar de ler e outros 9% informaram serem analfabetos (FAILLA, 2012, p. 284). Aliás, este último dado ajuda a compreender por que os números desta pesquisa são mais positivos que os da RLB: enquanto a sondagem do Instituto Pró-Livro buscou amostra representativa de toda a população brasileira, o presente estudo foi conduzido apenas junto a estudantes universitários, grupo que deve apresentar comportamento leitor especialmente desenvolvido.

Já com relação à leitura de livros, os resultados não foram tão positivos. Considerando a totalidade da amostra, 106 alunos (ou 13,47% dos sujeitos) declararam não ter lido sequer um livro nos 12 meses anteriores à pesquisa. Quando questionados se haviam lido algum livro nos 3 meses anteriores à pesquisa, os alunos de Administração responderam mais positivamente que os de Computação: A = 64,08%; C = 61,34%; T = 63,41%. Descontadas as respostas em branco, surpreende que um grupo expressivo de estudantes possa ser classificado como “não-leitor”, de acordo com os parâmetros usados na RLB (não-leitores são todos os que não leram nenhum livro nos últimos 3 meses, ainda que tenham lido nos últimos 12 meses: cf. FAILLA, 2012, p. 254). Encontram-se nesta situação 34,90% dos participantes do curso de Administração e 37,63% de Computação (T = 35,57%): índices

muito elevados, tendo em vista que o universo pesquisado é constituído apenas por estudantes universitários. Segundo a RLB, o percentual de não-leitores entre os brasileiros com curso superior é de apenas 24% (FAILLA, 2012, p. 32).

Embora a proporção de não-leitores de Administração tenha sido menor que no grupo de Computação, com relação à quantidade de livros lidos por ano deu-se o inverso. Na média, os respondentes declararam terem lido 3,98 livros nos 12 meses que antecederam a pesquisa, com ligeira vantagem para os estudantes de Computação ($A = 3,83$; $C = 4,42$). Do universo de 765 alunos que forneceram informações sobre a quantidade de livros lidos⁴, 32,28% declararam ter lido um ou dois livros no último ano; somados aos que declararam não ter lido nenhum, conclui-se que quase a metade dos respondentes (cerca de 45%) leu entre zero e dois livros nos 12 meses que antecederam a pesquisa. Por outro lado, entre os leitores mais engajados, estão os 9,54% de participantes que disseram ter lido 10 ou mais livros no ano. Tal dispersão dos resultados é traduzida pelo alto desvio-padrão ($= 4$), sendo que a mediana e a moda são menores que a média ($= 3$ e 2 , respectivamente)⁵.

São, de toda forma, números significativamente inferiores aos encontrados na RLB, segundo a qual os brasileiros com curso superior leem em média 7,70 livros por ano. É desalentador notar que a quantidade de livros lidos entre os participantes da presente pesquisa é idêntica à encontrada pela RLB para o conjunto da população brasileira, que foi de 4 livros/ano (LEITE, 2012, p. 65; FAILLA, 2012, p. 201).

b) Leituras acadêmicas e profissionais

Se a quantidade de obras lidas é baixa, a das que foram lidas por obrigações acadêmicas ou profissionais é ainda menor. Dos 683 alunos que forneceram informações sobre este item, 339 (49,63%) relataram não ter lido nenhum livro por obrigação nos 12 meses que antecederam a pesquisa; por isso, embora a média de livros lidos por obrigação tenha sido de 1,42 (desvio-padrão $= 2,44$), a mediana foi igual a 1 e a moda igual a 0.

Tal dado pode ser interpretado de duas formas. Por um lado, a reduzida quantidade de livros lidos por obrigação talvez indique o privilégio da leitura de livros por lazer, que corresponderia a 65% das obras lidas, proporção idêntica à que a RLB encontrou entre os brasileiros com ensino superior (FAILLA, 2012, p. 266)⁶. Embora este dado esteja de acordo com os altos índices de declaração de gosto pela leitura, já assinalados, a tendência de privilegiar a leitura voluntária em detrimento de qualquer motivação prática é posta em causa por outros resultados desta pesquisa, a serem comentados adiante.

⁴ Embora 128 alunos tenham deixado de indicar a quantidade de livros lidos, parte deles foi computada para o cálculo da média, pois já havia declarado não ter lido nenhum livro no último ano. Assim, do total da amostra, foram excluídos apenas os 9 alunos que não responderam à questão sobre se haviam lido algum livro no último ano e outros 13 que, mesmo tendo respondido positivamente, não indicaram a quantidade de obras lidas.

⁵ O *desvio-padrão* indica quão próximas as amostras estão da média; quando ele é alto, como neste caso, indica grande dispersão dos resultados, o que pode tornar a média pouco representativa. A *mediana* representa o valor central de um conjunto de dados, indicando que 50% dos resultados são menores e outros 50% são maiores que seu valor. Por fim, a *moda* representa o valor da amostra que possui maior frequência absoluta.

⁶ Para o presente estudo, o número é resultado da subtração dos valores relativos às leituras por obrigação do total de livros lidos nos 12 meses anteriores à pesquisa, considerando o mesmo conjunto de participantes, isto é, apenas os 683 alunos de cujas respostas foi possível extrair dados confiáveis acerca da quantidade de livros lidos (geral e por obrigação). Neste grupo, a média de leitura de livros gerais foi de 4,04 livros/ano (desvio-padrão $= 4,70$; mediana $= 3$; moda $= 2$). Convém ainda esclarecer que se chegou a este grupo subtraindo da amostra total os 9 participantes que não responderam à questão sobre a leitura de livros nos últimos 12 meses e outros 90 que, mesmo tendo respondendo afirmativamente, não indicaram a quantidade de livros lidos por obrigação. Houve também 5 casos de alunos cujas respostas foram inconsistentes: apesar de declararem não ter lido nenhum livro nos últimos 12 meses, informaram a leitura de diferentes quantidades de livros por obrigação no mesmo período.

Por outro lado, os baixíssimos índices de leitura de livros por obrigação podem indicar também um preocupante desapareço pelas indicações bibliográficas sugeridas pelos professores e por obras que tratem de temas ligados à área profissional do curso.

É importante observar, porém, que o dado relativo à quantidade de livros lidos por obrigações acadêmicas ou profissionais está em flagrante contradição com outros resultados da pesquisa. Conforme é possível constatar pelos dados da tabela 1 (abaixo), mais da metade dos respondentes declarou possuir o hábito de ler livros indicados pela faculdade com frequência pelo menos semanal (55,15%); é digno de nota, inclusive, o fato de 10,55% dos participantes terem relatado o costume de praticar este tipo de leituras diariamente. Frequências semelhantes foram verificadas para a leitura de textos acadêmicos avulsos e para livros ou textos relacionados à atividade profissional (53,75% e 57,69% de leitura uma ou mais vezes por semana, respectivamente). Em todos os casos, houve índices relativamente altos de resposta sobre leitura frequente: as opções “duas ou três vezes por semana” ou “uma vez por semana” estão entre as mais escolhidas, com índices de cerca de 20% cada, para todos os tipos de leitura aqui comentados. Como explicar, pois, quantidades tão baixas de livros lidos por obrigações acadêmicas ou profissionais ao longo de 12 meses?

Tabela 1: Frequência de leituras acadêmicas e profissionais

	Livros indicados pela faculdade	Textos escolares ou acadêmicos	Livros/textos rel. à profissão
Não-resposta	2,67%	3,30%	2,92%
Diariamente	10,55%	9,91%	17,03%
2 ou 3 vezes por semana	24,40%	25,29%	23,13%
1 vez por semana	20,20%	18,55%	17,53%
Menos de 1 vez por semana	19,44%	18,42%	16,90%
Raramente / nunca	22,74%	24,52%	22,49%
Total	100%	100%	100%

A explicação para tal incongruência talvez resida no fato de, neste quesito, os respondentes terem levado em consideração a leitura de trechos ou capítulos de livros, prática que, como se sabe, é comum em cursos superiores. Ainda que o questionário aludisse a “livros” e “textos” – distinção cujo objetivo era justamente permitir a individualização das frequências de leitura de livros na íntegra ou não –, a semelhança dos resultados entre os dois itens pode sugerir que os respondentes não tenham julgado tal diferença como pertinente. Com efeito, outros resultados da pesquisa parecem confirmar que a leitura de trechos ou capítulos de livros é comum: questionados se leem livros inteiros de uma vez, apenas 27,19% dos respondentes disseram fazê-lo sempre. Também a RLB demonstrou que a leitura de partes de livros é frequente entre os brasileiros com curso superior (FAILLA, 2012, p. 266).

O questionário propunha ainda outras perguntas sobre as leituras acadêmicas. À questão “Além de apostilas ou anotações de aula, você costuma ler a bibliografia indicada pelos professores?”, as respostas mostram que o comportamento dos participantes divide-se praticamente ao meio. De um lado, pouco mais da metade dos respondentes declarou procurar ler ao menos os textos principais das disciplinas que consideram mais importantes, merecendo destaque os 20,97% que informaram tentar ler o máximo possível da bibliografia indicada. Por outro lado, causa preocupação que 41,30% dos alunos tenha admitido ler pouco, ou mesmo não ler, a bibliografia sugerida pelos professores. Neste quesito, há poucas diferenças entre os cursos analisados, conforme se depreende da tabela 2.

Nas tabelas 1 e 2, sobressaem os elevados índices de participantes que demonstraram pouco ou nenhum envolvimento com leituras acadêmicas e profissionais. É inquietante constatar, por exemplo, que quase um quarto dos respondentes (193 alunos, ou 24,52% da

amostra total) tenham declarado não ler textos acadêmicos (tabela 1) e que 16,01% tenham admitido não ler a bibliografia indicada pelos professores (tabela 2). Semelhantes resultados não podem deixar de suscitar questionamentos: quem são estes alunos? Que concepções e expectativas têm eles acerca de sua formação universitária? Como despertar neles o interesse pela leitura?

Tabela 2: Leitura da bibliografia indicada pelos professores / Curso

	Administração	Computação	Média
Não resposta	1,35%	1,03%	1,27%
Procuo ler o máximo possível dos textos indicados	21,42%	19,59%	20,97%
Procuo ler os textos principais	35,75%	38,66%	36,47%
Leio pequena parte da bibliografia indicada	25,97%	23,20%	25,29%
Não leio a bibliografia indicada	15,51%	17,53%	16,01%
Total	100%	100%	100%

De qualquer forma, é interessante notar que esta situação se reflete nos baixos índices de uso da biblioteca universitária (tabela 3): de acordo com as informações dos participantes, apenas 20,46% deles costumam retirar livros (opções “sempre” e “frequentemente”), ler ou consultar livros no ambiente da biblioteca (27,19%) ou dirigir-se a ela para ler ou consultar revistas e jornais (19,06% dos alunos).

Tabela 3: Frequência de uso da biblioteca / Curso

	Retirar livros			Ler ou consultar livros			Ler ou consultar revistas e jornais		
	Adm.	Comp.	Total	Adm.	Comp.	Total	Adm.	Comp.	Total
Não resposta	0,84%	1,55%	1,02%	1,01%	2,06%	1,27%	1,01%	2,58%	1,40%
Sempre	5,23%	4,12%	4,96%	7,42%	8,76%	7,75%	5,56%	5,15%	5,46%
Frequentemente	15,85%	14,43%	15,50%	20,40%	16,49%	19,44%	15,68%	7,22%	13,60%
Às vezes	54,64%	50,52%	53,62%	51,94%	46,91%	50,70%	42,33%	34,54%	40,41%
Nunca	23,44%	29,38%	24,90%	19,22%	25,77%	20,84%	35,41%	50,52%	39,14%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

c) Suportes impressos e leitura digital

A frequência de leitura de vários outros suportes também é baixa. Apenas 15,50% dos alunos dos dois cursos informaram ler jornais diariamente (A = 14,84%; C = 17,53%) e outros 28,59% declararam fazê-lo com frequência pelo menos semanal (tabela 4, abaixo). Trata-se de índice semelhante às médias nacionais, de acordo com a 2ª edição da RLB (AMORIM, 2008, p. 183), mas inferior às informações relativas apenas aos brasileiros com nível superior: neste grupo, a leitura de jornais com frequência ao menos semanal atinge índices de 74%, segundo o INAF de 2001 (RIBEIRO, 2004, p. 236)⁷. Por outro lado, entre os sujeitos da presente pesquisa, foram quase 40% os que informaram não ler jornais (opção “raramente/nunca”), com valores ligeiramente distintos entre os cursos (A = 38,95%; C = 41,75%). Diferentemente do que se poderia supor, os índices de leitura de jornal não se alteram muito ao longo do curso: a porcentagem de não-leitores cai de 38,70% para apenas 33,70% entre os alunos de 1º e 8º ciclo, sem diferenças expressivas entre os cursos. É provável que os acanhados índices de leitura de jornais estejam relacionados à substituição

⁷ As frequências de leitura de jornal não são explicitadas nas edições mais recentes da RLB e do INAF. É oportuno ainda notar que os dados do INAF não dizem respeito apenas aos atuais estudantes universitários, mas sim a todos os brasileiros que possuem curso superior completo ou incompleto.

do tradicional suporte impresso pela leitura de notícias *online*, hipótese que encontra amparo nos dados relativos à leitura digital, comentados adiante.

A frequência de leitura de revistas (tabela 4, abaixo) também não se afasta muito das médias nacionais – e, assim como no caso dos jornais, é igualmente inferior dos índices relativos à população com nível superior. Em 2007, a RLB indicava que 41% dos brasileiros lia algum tipo de revista ao menos uma vez por semana (AMORIM, 2008, p. 183); entre a população com curso superior completo ou incompleto, eram 63% os que declararam ler revistas com frequência semanal ou superior segundo o INAF de 2001 (RIBEIRO, 2004, p. 240). No caso da presente pesquisa, o índice é de 46,89%, mas com diferenças acentuadas entre os cursos (A = 50,59%; C = 31,56%). Sendo assim, ambas as frequências de leitura aqui comentadas (de jornais e revistas) foram inferiores à expectativa dos organizadores da pesquisa, que esperavam respostas mais positivas que as médias nacionais, uma vez que esta sondagem foi conduzida exclusivamente com estudantes de nível superior.

A assiduidade de leitura de livros não relacionados a obrigações acadêmicas ou profissionais (tabela 4, coluna “outros livros impressos”), se comparada aos dados da tabela 1, mostra que a frequência de leitura voluntária e por prazer é ligeiramente inferior à da leitura por obrigações acadêmicas ou profissionais. A resposta, que também conflita com os dados comentados acima, só confirma o fato de os participantes não terem distinguido a leitura de obras na íntegra da leitura de partes de livros, conforme sugerido anteriormente.

Tabela 4: Suportes de leitura / Frequência de leitura

	Revistas	Jornais	Outros livros imp.	E-books	Áudio-livros	Notícias / textos int.	HQ
Não resposta	1,78%	2,92%	3,05%	3,34%	4,23%	2,03%	3,68%
Diariamente	5,72%	15,50%	15,76%	7,75%	0,67%	72,43%	5,21%
2 ou 3 x / sem.	18,04%	16,90%	18,42%	7,88%	1,02%	14,23%	4,96%
1 x / semana	23,13%	11,69%	13,34%	6,10%	1,40%	4,19%	6,35%
Menos 1 x / sem.	20,33%	13,34%	16,90%	9,40%	3,30%	3,68%	11,94%
Raram. / nunca	31,00%	39,64%	32,50%	65,44%	88,95%	3,43%	67,85%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Com relação à leitura de livros digitais (e-books) e áudio-livros, a pesquisa ratificou o que já se sabia sobre a pequena penetração dos novos dispositivos de leitura no Brasil, mesmo que em comparação com outros países da América Latina (JARAMILLO; MONAK SALINAS, 2012, p. 208-209; FAILLA, 2012, p. 324-330). Embora mais difundida entre os estudantes de Computação, a leitura de livros digitais atinge índices apenas modestos de frequência ao menos semanal (A = 19,05%; C = 29,89%; T = 21,73%). Já os áudio-livros são utilizados por pouco mais de 10% dos participantes da pesquisa.

As maiores discrepâncias entre os cursos foram encontradas no item relativo às histórias em quadrinhos, cuja leitura semanal é cultivada por 28,86% dos estudantes de Computação, contra apenas 12,48% do grupo de Administração (T = 16,52%). Em todo caso, trata-se de um tipo de leitura que perde atratividade à medida que os alunos progredem nos estudos: em Computação, por exemplo, 32,67% dos calouros declararam ler gibis com frequência ao menos semanal, mas a porcentagem cai para 18,36% entre os concluintes. Ainda assim, os números são mais altos que os revelados pela RLB, segundo a qual 14% dos brasileiros que têm entre 18 e 24 anos leem histórias em quadrinhos (FAILLA, 2012, p. 41).

O único suporte com altos índices de leitura diária é a internet, visto que, ainda de acordo com a tabela 4, 72,43% dos participantes declararam acessá-la todos os dias para ler notícias ou textos variados. Quando confrontado com o índice relativamente baixo de leitura de jornais e revistas, tal dado permite supor que a internet vem se tornando a principal fonte

de informação dos jovens universitários. Se é verdade que, como sustentam alguns estudos sobre o tema (LIU, 2005), a leitura *online* tende a ser rápida, não-linear e superficial, trata-se de tendência que merece exame mais cuidadoso do que é possível empreender aqui.

Em todo caso, o questionário propunha outras questões acerca dos usos que os participantes fazem da internet. As respostas, sintetizadas na tabela 5, permitem concluir que eles veem a rede acima de tudo como meio de comunicação e entretenimento, já que os maiores índices de frequência pelo menos diária (“várias vezes ao dia” e “uma vez ao dia”) são justamente os de acesso ao correio eletrônico, a chats ou serviços de troca de mensagens instantâneas e a redes sociais (88,05%, 64,67% e 73,18%, respectivamente). Já funções tipicamente relacionadas à busca de conhecimento, como o acesso a fóruns de discussão e a blogs ou textos de opinião, além da procura por informações específicas ou a consulta a dicionários e enciclopédias *online*, são pouco comuns: as taxas de uso raro ou não uso são de 69,89% para fóruns, 26,82% para busca de informações e 48,80% para blogs. A única exceção é a leitura de atualidades: ainda que os resultados de acesso diário sejam altos (61,63%), são curiosamente inferiores aos da leitura de notícias, comentados na tabela 4.

Tabela 5: Usos da internet / Frequência

	E-mail	Chats	Redes sociais	Fóruns	Leitura atual.	Inform. / Dic./Enc.	Blogs
Não resposta	1,65%	1,65%	1,02%	1,40%	1,40%	5,21%	1,40%
Várias vezes ao dia	69,12%	50,44%	50,44%	5,08%	33,29%	17,15%	8,77%
Uma vez ao dia	18,93%	14,23%	22,74%	5,34%	28,34%	9,15%	8,51%
Algumas vezes / semana	6,35%	12,71%	9,78%	7,88%	17,79%	24,02%	17,28%
Menos 1 vez por semana	2,03%	5,72%	3,18%	10,42%	7,24%	17,66%	15,25%
Raramente	1,27%	12,07%	6,48%	30,88%	7,37%	18,81%	29,10%
Nunca	0,64%	3,18%	6,35%	39,01%	4,57%	8,01%	19,70%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

É importante ressaltar que a frequência de acesso à rede é mais elevada entre os alunos de Computação, para todos os fins aqui analisados. A título de exemplo note-se que, enquanto 48,04% dos estudantes de Administração informaram nunca visitar fóruns de discussão, o índice é de apenas 17,53% no grupo de Computação. Além de acessarem o correio eletrônico e as redes sociais com maior frequência, os alunos de Computação também dão mostras de recorrer mais à internet em suas atividades de estudo e pesquisa, como demonstram os dados de frequência ao menos semanal de acesso em busca de informações específicas ou a dicionários e enciclopédias (A = 45,36%; C = 65,43%; T = 50,32%) e a visita a blogs ou textos de opinião (A = 30,52%; C = 46,91%; T = 34,56%).

d) Preferências e motivações de leitura

A pergunta “Qual é o escritor que você mais admira?” recebeu respostas muito variadas, e não foram poucos os participantes que indicaram dois ou até três nomes. O escritor mais lembrado foi Machado de Assis, com 60 menções, entre as quais havia duas ao “autor de *Dom Casmurro*”. No grupo dos consagrados escritores de língua portuguesa, referidos em cerca de um terço das respostas válidas para a questão, sobressaem igualmente os nomes de Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade e Fernando Pessoa, entre outros. Também muito lembrados, com índice semelhante ao de escritores luso-brasileiros, foram os autores de *best-sellers* internacionais, sobretudo aqueles cuja obra conheceu adaptações cinematográficas recentes, como Dan Brown, J. R. R. Tolkien e J. K. Rowling.

Autores de livros de autoajuda ou de temática religiosa, com Paulo Coelho e Augusto Cury à frente, foram mencionados por cerca de 10% das respostas. Em seguida, com quase o mesmo peso, há diversos grandes nomes da literatura universal, entre os quais se destacam Agatha Christie e, em menor grau, Shakespeare; já os autores de obras infanto-juvenis, como Pedro Bandeira e Marcelo Rubens Paiva, foram lembrados por apenas 5% dos participantes. Embora a formulação da pergunta induzisse a pensar em autores literários, houve quem citasse nomes da área técnica ou acadêmica, como Philip Kotler e Idalberto Chiavenato, cujas obras fazem parte da bibliografia indicada por diferentes disciplinas do curso de Administração. Entre os autores não literários, também há referências a jornalistas, cientistas e filósofos; houve ainda quem evocasse personalidades de destaque, mas que não consta terem publicado livros (Charles Chaplin, Júlio Medaglia, Steve Jobs e Steven Spielberg).

Nas respostas à pergunta acerca do livro que os participantes mais gostaram de ler, o padrão observado acima sofreu alterações. Em primeiro lugar, com mais de um terço das referências, estão *best-sellers* internacionais (*Harry Potter*, saga *Crepúsculo*, títulos de Dan Brown, Khaled Hosseini e outros). Com menos destaque, obras consagradas de autores lusobrasileiros (tais como *Dom Casmurro* e *Capitães da areia*, entre outras) foram mencionadas por algo como 15% das respostas. Representantes da literatura universal não passam de 5% das referências: os mais lembrados foram *Os miseráveis* (obra recentemente adaptada para o cinema) e *A arte da guerra*, leitura muito apreciada entre alunos de Administração.

Na comparação com a resposta anterior, os grupos que mais cresceram foram os da literatura infanto-juvenil (com destaque para *O pequeno príncipe*, *Feliz ano velho* e *A droga da obediência*) e os livros de autoajuda ou religiosos, com diversas citações à Bíblia e a *O alquimista*. Houve muitas referências a obras de administração geral ou de caráter “motivacional”, somando mais de 10% das respostas: *A cabana*, *O monge e o executivo*, *Pai rico, pai pobre*, *Quem mexeu no meu queijo*, *O vendedor de sonhos* e *Comer, rezar, amar*, em ordem decrescente de citações. Por fim, livros não literários de caráter geral, como diversas biografias e principalmente *O mundo de Sofia*, também foram bastante mencionados.

Como se vê, nas respostas à primeira questão houve mais referências a renomados autores literários, cujas obras fazem parte das leituras habitualmente indicadas na escola. Ainda que tais autores sejam efetivamente apreciados – do que não há motivos para duvidar –, as respostas à segunda questão deixam evidente que suas obras não são, necessariamente, as favoritas dos participantes. Quando estão em jogo as preferências de leitura, o prestígio literário passa a segundo plano e as escolhas recaem sobre uma gama muito variada de títulos e gêneros tradicionalmente considerados inferiores, afastando-se do cânone oficial e escolar, segundo tendência identificada em outros estudos (ABREU, 2004; VÉLEZ; RAPETTI, 2008).

A pesquisa também indagava quais os gêneros preferidos ou lidos com maior frequência pelos estudantes, dando-lhes a possibilidade de escolher quantos desejassem a partir de uma lista predefinida. Com vistas a permitir a cotejo dos resultados, o elenco de opções foi adaptado de questão semelhante proposta pela RLB. A tabela 6 apresenta as respostas da presente sondagem, em comparação com os dados referentes apenas aos brasileiros com ensino superior completo ou incompleto, de acordo com a RLB de 2007 (única em que houve preocupação de distinguir o grau de escolaridade dos respondentes).

A tabela evidencia divergências não apenas entre as duas pesquisas, como também entre os cursos analisados no presente estudo. Com relação aos gêneros literários, os resultados são semelhantes entre os estudantes de Administração e Computação; é significativo, entretanto, o fato de a categoria “romances” ter superado largamente os índices obtidos na RLB. Com 64,93% de escolhas, as obras ficção em geral suplantaram até mesmo os livros didáticos, que ocupam o primeiro lugar entre a população com curso superior completo ou incompleto na RLB e no INAF (LEITE, 2012, p. 66; RIBEIRO, 2004, p. 243).

Tabela 6: Gêneros preferidos ou lidos com maior frequência / Curso
(com destaque para resultados da RLB 2007)

	Adm.	Comp.	TOTAL	RLB 2007
Não resposta	0,51%	1,55%	0,76%	--
Romance / aventura / policial / ficção	65,26%	63,92%	64,93%	43%
Administração / carreira / negócios (*)	59,19%	31,44%	52,35%	--
Livros didáticos	27,15%	44,33%	31,39%	49%
História / política / ciências sociais ou naturais	26,14%	21,13%	24,90%	37%
Biografias / relatos históricos	23,27%	24,74%	23,63%	30%
Autoajuda / orientação pessoal	26,31%	13,92%	23,25%	29%
Livros ou textos religiosos	21,59%	13,92%	19,70%	26%
Teatro / crônicas / contos	19,56%	16,49%	18,81%	20%
Livros ou textos técnicos	9,11%	46,91%	18,42%	34%
Enciclopédias e dicionários	10,79%	12,37%	11,18%	24%
Literatura infanto-juvenil (*)	10,29%	9,28%	10,04%	17% / 11%
Poesia	10,46%	8,25%	9,91%	21%
Assuntos práticos / cozinha / artesanato	10,79%	4,12%	9,15%	16%
Outros	8,94%	7,22%	8,51%	--
Artes	7,25%	5,67%	6,86%	10%
Histórias em quadrinhos (*)	--	--	--	16%
Ensaios, ciências e humanidades (*)	--	--	--	15%
Bíblia (*)	--	--	--	35%
Nenhum (*)	2,19%	0,52%	1,78%	--

Fonte: AMORIM, 2008, p. 177, coluna “Ensino Superior” (para dados relativos à RLB 2007)

* Os itens assinalados com asterisco não fizeram parte de uma das pesquisas.

Afora os literários (além dos romances, os itens “teatro, crônicas ou contos” e “literatura infanto-juvenil”, categoria que na RLB aparece dividida em dois grupos distintos), todos os demais gêneros apresentam índices inferiores aos das sondagens nacionais – até mesmo os mais estreitamente relacionados a atividades de estudo e pesquisa, como os livros técnicos ou didáticos e as enciclopédias e dicionários. Trata-se de resultado inesperado, pois as sondagens nacionais não fazem distinção entre os atuais estudantes universitários e todos os que já começaram ou concluíram um curso superior. Seria de se esperar, portanto, que na presente pesquisa, conduzida unicamente com sujeitos que estavam estudando no período em que responderam ao questionário, os índices de leitura de livros técnicos ou didáticos, bem como de dicionários e enciclopédias, superassem com folga as médias nacionais.

Neste aspecto, as discrepâncias entre os cursos são especialmente relevantes e ajudam a explicar os fracos resultados gerais. Tomando como exemplo a opção relativa à leitura de livros técnicos – que no conjunto da população brasileira com curso superior completo ou incompleto alcançou índices de 45% no INAF de 2011 e de 34% na RLB de 2007 e 2011 (sobre esta última, cf. LEITE, 2012, p. 66) –, a média obtida na presente pesquisa é inquietante: apenas 18,42%. De acordo com a tabela 6, contudo, o índice é de 46,91% entre os alunos de Computação, resultado que supera até mesmo o do INAF.

Fica por explicar o decepcionante resultado relativo ao grupo de Administração, de apenas 9,11%: seriam diferenças de perfil dos estudantes, do curso ou da própria área de atuação os responsáveis por índice tão baixo? É possível que a ocorrência de certa sobreposição entre os gêneros de livros didáticos ou técnicos com a opção “administração, carreira e negócios” explique em parte o resultado negativo. Mas também não se pode deixar de ter em conta a existência de uma difundida ambiguidade, frequente em meio aos estudantes de Administração, entre obras técnicas ou didáticas e o florescente mercado do gênero *pop-*

management (cf. CARVALHO; CARVALHO; BEZERRA, 2010). Esta tendência pode estar associada ainda ao maior índice de livros de autoajuda neste grupo (tabela 6).

A pesquisa investigou também as motivações que levam os estudantes a ler livros e, assim como na RLB, os participantes poderiam escolher até 3 opções de uma lista predefinida. As respostas estão apresentadas abaixo, na tabela 7, ao lado dos dados relativos à população brasileira com ensino superior completo ou incompleto, segundo a RLB de 2007; a fim de facilitar a comparação, procedeu-se à normalização dos resultados.

Tabela 7: Principais motivações para ler / Curso (com destaque para resultados da RLB 2007)

	Adm.	Comp.	TOTAL	Normal.	RLB 2007
Não resposta	0,17%	1,03%	0,38%	0,16%	0%
Exigência escolar ou acadêmica	63,91%	59,28%	62,77%	25,72%	13%
Prazer, gosto ou necessidade própria	61,05%	61,86%	61,25%	25,09%	34%
Atualização cultural / conhecimentos gerais	53,46%	51,55%	52,99%	21,71%	18%
Atualização profissional	37,10%	45,88%	39,26%	16,14%	16%
Exigência do trabalho	9,78%	13,92%	10,80%	5,73%	12%
Motivos religiosos	9,11%	4,64%	8,01%	3,33%	4%
Não costume ler	5,06%	5,15%	5,08%	2,13%	3%

Fonte: AMORIM, 2008, p. 189, coluna “Ensino Superior” (para dados relativos à RLB 2007)

As principais diferenças entre os cursos analisados indicam que os alunos de Computação tendem a apontar com mais intensidade motivações relacionadas à profissão que os de Administração, os quais, por sua vez, assinalaram um pouco mais as opções relativas a exigências acadêmicas, à busca por atualização cultural e aos motivos religiosos. Em todo caso, afora o item “atualização profissional”, os demais não apresentam discrepâncias relevantes entre os cursos. De modo geral, em comparação com os dados da RLB, os participantes referiram-se mais à “exigência escolar ou acadêmica” e menos à “exigência do trabalho”, o que é explicável pelo fato de, diferentemente da sondagem realizada pelo Instituto Pró-Livro, a presente pesquisa ter sido conduzida unicamente com estudantes.

Chama a atenção também que os respondentes tenham escolhido menos a opção “prazer, gosto ou necessidade própria” do que os da RLB. Este dado sugere que, para usar categorias propostas por Gunthrie e cols. (*apud* DÍAZ; GÁMEZ, 2003), o componente motivacional *intrínseco*, relativo a aspectos recreativos e interesse pessoal, tem menor peso que o componente *extrínseco*, ligado à leitura instrumental, dirigida para obter informação, reconhecimento ou algum tipo de recompensa. Com efeito, assim como em várias outras pesquisas, conclui-se que as exigências escolares ou acadêmicas aparecem como elemento fortemente determinante das práticas de leitura (LEITE, 2012, p. 67; OLIVEIRA, 1996).

e) Modos, percepções e dificuldades de leitura

Por fim, o questionário indagava sobre as percepções, os modos e as dificuldades de leitura. O primeiro tema foi abordado por meio de questão que propunha 11 afirmações relativas às atitudes perante a leitura, a serem avaliadas pelos participantes segundo uma escala de tipo Likert com quatro itens (“concordo totalmente”, “concordo parcialmente”, “discordo parcialmente” e “discordo totalmente”). As afirmações, tomadas do PISA, foram as seguintes: 1. “Leio apenas se sou obrigado”; 2. “Ler é uma de minhas distrações preferidas”; 3. “Gosto de conversar sobre livros”; 4. “Sinto dificuldade em terminar de ler um livro”; 5. “Gosto de receber livros de presente”; 6. “Para mim, ler é uma perda de tempo”; 7. “Gosto de ir a livrarias e bibliotecas”; 8. “Leio só para obter a informação de que preciso”; 9. “Não consigo sentar-me tranquilo e ler durante mais que uns poucos minutos”; 10. “Gosto de dar minha opinião sobre os livros que li”; 11. “Gosto de trocar livros com os amigos”.

Como se vê, certas afirmações denotam atitudes positivas diante da leitura, ao passo que outras indicam percepções negativas. Os resultados das últimas (as de número 1, 4, 6, 8 e 9 da lista) devem ser lidos de modo invertido, pois a concordância com tais declarações sugere atitudes desfavoráveis à leitura, de modo que, quanto maiores forem seus índices, pior será o resultado. A fim de facilitar a visualização dos dados, os itens com formulação positiva e negativa serão apresentados em tabelas distintas (8 e 9); nelas, estão confrontados os resultados colhidos na presente pesquisa e os relativos ao Brasil na última edição do PISA. Os valores das linhas indicam a soma das respostas “concordo parcialmente” e “concordo totalmente” para cada afirmação e, entre parênteses, há registro do erro padrão de cada item⁸.

De modo geral, em comparação com os dados do PISA, os sujeitos da presente pesquisa expressaram maior concordância com todas as afirmações propostas, independentemente se eram positivas ou negativas: a única exceção foi o item 6 (“Para mim, ler é uma perda de tempo”), cuja aceitação já era reduzida no PISA e foi ainda menor entre os alunos da instituição pesquisada. Considerando que a maioria das afirmações obteve índices de assentimento 5 ou 10% superiores aos da pesquisa da OCDE, constata-se que as respostas dos estudantes universitários indicam um padrão de comportamento leitor que, em linhas gerais, não se afasta das tendências identificadas pelo PISA para estudantes brasileiros com idade de 15 anos – constatação que, por si só, levanta importantes questionamentos acerca do papel do curso superior no processo de amadurecimento do perfil leitor dos alunos.

Tabela 8: Percepções de leitura: porcentagens de concordância com afirmações positivas sobre leitura (Instituição pesquisada / PISA 2009, dados referentes ao Brasil)

	2. Ler é uma de minhas distrações preferidas	3. Gosto de conversar sobre livros	5. Gosto de receber livros de presente	7. Gosto de ir a livrarias e bibliotecas	10. Gosto de dar minha opinião sobre os livros que li	11. Gosto de trocar livros com os amigos
PISA	48,1 (0,8)	51,3 (0,7)	51,4 (0,6)	53,4 (0,6)	68,9 (0,7)	45,2 (0,7)
Instituição	51,09 (1,8)	59,07 (1,8)	63,28 (1,7)	57,69 (1,8)	74,10 (1,6)	56,92 (1,8)

Fonte: OCDE, 2011, p. 208, linha “Brasil” (para dados relativos ao PISA 2009).

Em certos casos, inclusive, verifica-se que a proximidade das respostas é tal, que os intervalos indicados pelo erro padrão quase se sobrepõem: é o que ocorre, por exemplo, nos itens 2, 4, 6 e 9, cujos resultados dão a entender que não só o prazer pela leitura mantém-se em níveis mais ou menos estáveis, como também as dificuldades de concentração também permanecem, inclusive com ligeira alta, entre os estudantes universitários.

Dentre os itens cujos índices mais se afastam das médias obtidas no PISA constam dois que denotam atitudes positivas e dois que indicam percepções negativas de leitura. O grau de assentimento às afirmações 5 e 11 (tabela 8) sugere que a importância conferida ao livro aumenta entre os universitários, quando comparados com os estudantes mais jovens. Isto não significa, contudo, que as práticas de leitura tenham sofrido alterações significativas; com efeito, também conheceu crescimento expressivo o assentimento aos itens que mais claramente representam os componentes motivacionais extrínsecos de leitura, que são os de número 1 e 8 (tabela 9). Assim, quase um terço dos estudantes confessa ler apenas por obrigação e metade deles admite que lê apenas em busca de informações necessárias, demonstrando sentir pouco prazer pela leitura e, no limite, até mesmo uma atitude superficial

⁸ O erro padrão representa o quanto a população da amostra está próxima da população do universo analisado. Por exemplo: no caso de haver erro padrão de 1,0, indicado entre parênteses para um valor de 10, o valor esperado para outras amostragens deve estar entre 9 e 11.

em relação ao conhecimento, contentando-se com a coleta de informações e desprezando compreensão mais contextualizada, completa e crítica dos temas que foram objeto de leitura.

Tabela 9: Percepções de leitura: porcentagens de concordância com afirmações negativas sobre leitura (Instituição pesquisada / PISA 2009, dados referentes ao Brasil)

	1. Leio apenas se sou obrigado	4. Sinto dificuldade em terminar de ler um livro	6. Para mim, ler é uma perda de tempo	8. Leio só para obter a informação de que preciso	9. Não consigo sentar-me tranquilo e ler durante mais que uns minutos
PISA	15,6 (0,5)	35,3 (0,6)	7,6 (0,3)	40,7 (0,8)	30,4 (0,6)
Instituição	31,03 (1,7)	38,08 (1,7)	5,79 (0,8)	50,90 (1,8)	33,85 (1,7)

Fonte: OCDE, 2011, p. 208, linha “Brasil” (para dados relativos ao PISA 2009).

Análises cruzadas entre os diferentes itens sugerem haver alto grau de coerência entre as respostas: dos que manifestaram concordância com a afirmação 1, por exemplo, mais da metade (17,54% do total de 31,03%) também concordaram com a 9; além disso, houve 18,17% deles que concordaram igualmente com a afirmação 8. Tais dados demonstram a existência de forte correlação entre o grupo dos que leem apenas por obrigação, os que informaram possuir baixa capacidade de concentração e os que sentem dificuldades em terminar de ler um livro. Por outro lado, encontrou-se também forte correspondência entre os que manifestaram discordância das afirmações 8 e 4: ou seja, entre os que disseram não ler apenas para obter as informações de que precisam, a maioria também declarou não ter dificuldades em concluir a leitura de um livro. Tal padrão de respostas pode indicar diferentes perfis de leitores, cuja descrição exaustiva deverá ser objeto de exames futuros.

Quanto aos modos de leitura (tabela 10, abaixo), verifica-se que apenas pouco mais da metade dos participantes informou possuir hábitos compatíveis com as exigências de uma leitura silenciosa e concentrada. Grande quantidade de respondentes declarou ler ao menos às vezes com a TV ligada (44,09%), sem diferenças significativas entre os cursos. Com relação às demais alternativas, contudo, os estudantes de Computação demonstraram possuir comportamento mais dispersivo, uma vez que leem mais enquanto ouvem música (A = 40,64%; C = 50,00%; T = 42,95%) ou enquanto realizam outras tarefas no computador (A = 39,97%; C = 61,34%; T = 45,23%). Na falta de estudos mais aprofundados e gerais sobre o tema⁹, resta somente notar que os dados aqui apresentados são bastante próximos dos obtidos junto a estudantes de uma universidade norte-americana (MOKHTARI, REICHARD; GARDNER 2009, em esp. as p. 615 e 618). A coincidência pode indicar uma tendência difundida entre os jovens da geração digital, cada vez mais inclinados a realizar múltiplas tarefas concomitantes, e sugere a necessidade de novos estudos sobre o tema.

Quando questionados sobre o local em que realizam suas leituras, apenas 35,20% dos participantes declararam ler sempre em lugares silenciosos, com ligeira vantagem para os alunos de Administração (A = 36,42%; C = 31,44%). O lugar preferido para a leitura é a própria casa (opção “sempre” para 41,93% dos sujeitos); todas as demais opções foram pouco escolhidas. Contrariando as expectativas dos organizadores da pesquisa, 36,59% dos alunos disseram nunca ler no ambiente de trabalho e outros 45,11% durante seus deslocamentos em ônibus ou metrô. Por outro lado, 70,26% dos respondentes informaram ler frequentemente ou às vezes durante as aulas ou na faculdade, embora apenas 53,24% o façam na biblioteca.

⁹ Em questão semelhante proposta pela RLB de 2007, na qual os respondentes poderiam escolher apenas uma alternativa, os resultados apontaram para forte preferência pela leitura em locais silenciosos (AMORIM, 2008, p. 195). Porém, as respostas não são comparáveis com as da presente pesquisa devido a diferenças na formulação da pergunta e porque os dados disponibilizados pela RLB são relativos apenas ao grupo de “leitores”.

Tabela 10: Modos de leitura / Curso

	Com a TV ligada			Ouvindo música			Realizando outras tarefas		
	Adm.	Comp.	Total	Adm.	Comp.	Total	Adm.	Comp.	Total
Não resposta	2,02%	2,06%	2,03%	1,52%	2,06%	1,65%	2,02%	1,55%	1,91%
Sempre	3,04%	2,58%	2,92%	5,90%	6,70%	6,10%	3,37%	8,25%	4,57%
Frequentemente	7,08%	6,70%	6,99%	7,76%	13,40%	9,15%	7,25%	15,46%	9,28%
Às vezes	34,91%	31,96%	34,18%	26,98%	29,90%	27,70%	29,34%	37,63%	31,39%
Nunca	52,95%	56,70%	53,88%	57,84%	47,94%	55,40%	58,01%	37,11%	52,86%
Totais	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Diferentemente do que acreditam os professores, os alunos não avaliam que a bibliografia sugerida nas disciplinas seja de difícil compreensão: 15,50% dos participantes informaram nunca sentir dificuldade na leitura dos textos ou livros indicados pelos docentes (A = 15,01%; C = 17,01%) e outros 73,19% disseram enfrentar tais embaraços apenas às vezes. Quanto à leitura de enunciados de provas ou listas de exercícios, os obstáculos são ainda menores (ver tabela 11, abaixo). Em todo caso, fica por verificar se as diferenças de avaliação sobre o nível de complexidade dos textos estão de alguma forma associadas ao comportamento leitor dos respondentes. Não deixa de ser curioso que, entre os que informaram nunca sentir dificuldade durante a leitura da bibliografia acadêmica, o maior grupo (36,07%) seja formado por alunos que afirmaram igualmente nunca ler os livros ou textos indicados pelos professores. Ainda que surpreendentes, as respostas não deixam de ter coerência: quem nunca lê, também não deve sentir dificuldades de compreensão.

Tabela 11: Frequência de dificuldades de leitura acadêmica / Curso

	Dificuldade de compreensão: bibliografia			Dificuldade de compreensão: enunciados		
	Adm.	Comp.	Total	Adm.	Comp.	Total
Não resposta	2,36%	2,06%	2,29%	1,85%	2,58%	2,03%
Sempre	1,69%	1,55%	1,65%	1,85%	0,00%	1,40%
Frequentemente	8,09%	5,15%	7,37%	4,05%	9,28%	5,34%
Às vezes	72,85%	74,23%	73,19%	63,24%	64,95%	63,66%
Nunca	15,01%	17,01%	15,50%	29,01%	23,20%	27,57%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Finalmente, o questionário indagava se os participantes gostariam de ler mais do que leem atualmente. Afora os 11 alunos que deixaram de responder (1,40%) e um grupo relativamente reduzido que respondeu negativamente (7,88%), a imensa maioria afirmou que sim (A = 91,06%; C = 89,69%; T = 90,72%). A pergunta seguinte sondava as causas da não leitura e sua formulação justifica os altos índices de respostas em branco, uma vez que se endereçava apenas aos que haviam indicado o desejo de ler mais. De uma lista de 12 opções contendo possíveis motivos para a falta de leitura, retirada de questão semelhante da RLB, os participantes poderiam assinalar quantas alternativas quisessem (tabela 12, abaixo).

Assim como na pesquisa do Instituto Pró-Livro (FAILLA, 2012, p. 276), o motivo mais apontado pelos alunos foi a falta de tempo, ainda que o resultado comporte diferenças significativas entre os dois cursos. Compreensivelmente, trata-se de razão alegada sobretudo por quem já está inserido no mercado de trabalho, atingindo neste grupo taxas superiores a 80%, contra 34,27% entre os não trabalham. Dos 538 sujeitos que mencionaram a falta de tempo, somente 44% a indicaram como único motivo para não lerem mais; todos os demais associaram a falta de tempo à preguiça, à preferência por outras atividades ou à dificuldade de concentração (26%, 22% e 18%, respectivamente), entre outras opções, o que sugere que a disponibilidade de tempo não seja o aspecto decisivo para este comportamento.

Tabela 12: O que impede de ler mais / Curso

	Adm.	Comp.	Total
Não resposta	7,93%	9,79%	8,39%
Falta de tempo	70,83%	60,82%	68,36%
Tenho preguiça	31,70%	28,87%	31,00%
Prefiro outras atividades	24,96%	35,57%	27,57%
Não consigo me concentrar	25,30%	22,16%	24,52%
Leio muito devagar	17,71%	21,65%	18,68%
Não tenho interesse / não gosto de ler	6,24%	10,31%	7,24%
Não compreendo a maior parte do que leio	2,70%	6,19%	3,56%
Não tenho dinheiro para comprar livros	3,54%	1,55%	3,05%
Não há bibl. perto de casa / não frequento a bibl. da faculdade	1,69%	4,12%	2,29%
Não considero a leitura algo importante	0,17%	3,61%	1,02%

À falta de tempo segue-se, a grande distância, a alegação de preguiça e de preferência por outras atividades. Quase um quarto dos sujeitos atribuíram a falta de leitura a dificuldades de concentração e 18,68% ao fato de lerem muito lentamente: os demais motivos comparecem com taxas inferiores a 10% de opções. Chama a atenção que o item relativo à falta de interesse ou de gosto pela leitura – que na RLB comparece em segundo lugar, com 30% de escolhas – tenha sido marcado por apenas 7,24% dos participantes; igualmente positivo é que apenas 8 alunos (1,02% do total) tenham declarado não considerar a leitura algo importante.

Conclusão

Antes de avançar às conclusões a que se pode chegar, é preciso reconhecer os limites do presente trabalho. Tratando-se de estudo quantitativo e conduzido junto a público restrito (alunos de apenas uma instituição de ensino), seus resultados não podem ser generalizados. Soma-se a isto o caráter incompleto dos dados, pois os organizadores da pesquisa reconhecem que o questionário continha ao menos duas falhas: a) por ter incorporado muitas questões da RLB de 2007, o instrumento dava ênfase talvez excessiva sobre a leitura de livros na íntegra, dificultando a identificação da leitura de partes de obras, prática comum em cursos superiores; b) a intenção de levantar dados relativos à intensidade leitora (tempo gasto com a leitura dos diferentes suportes) foi malograda, provavelmente devido à inadequada formulação das questões, o que gerou elevados índices de respostas inverossímeis ou em branco.

Cabe destacar também que, em pesquisas sobre comportamentos socialmente valorizados (como a leitura), questionários baseados em autodeclarações podem ocasionar distorção dos resultados. Há risco de que os participantes adequem suas respostas a condutas elogiáveis, seja pelo desejo de causar boa impressão (conveniência social), ou por relutância em admitir comportamento tido como reprovável (autoengano). Em estudo conduzido com alunos de 5 diferentes universidades espanholas, Larrañaga e Yubero encontraram indícios de desvios nas respostas de 19% dos sujeitos, classificando-os como “falsos leitores” (2005, p. 48). Embora o cruzamento de informações do presente estudo também pudesse levar a conclusões semelhantes, não houve intenção de fazê-lo; ainda assim, a incongruência de certos resultados fornece bons motivos para crer que os participantes tenham inflado artificialmente alguns índices, como os relativos ao prazer pela leitura, por exemplo.

É preciso dizer ainda que este estudo carece de bases comparativas devido à escassa quantidade de pesquisas sobre o tema, bem como ao caráter incompleto de alguns dos trabalhos existentes. Em todo caso, nota-se que a média anual de leitura de livros observada é inferior à da maioria dos levantamentos disponíveis, muitos dos quais conduzidos junto a

estudantes do curso de Biblioteconomia em diferentes universidades públicas (BORTOLON et al, 1998; LOURENÇO; ZAFALON, 2011; CARELLI et al, s/d). Ainda que estes resultados possam ser atribuídos à própria natureza do curso e da instituição pesquisada, é forçoso reconhecer que taxas igualmente superiores de leitura de livros foram encontradas em cursos de várias áreas em diferentes universidades particulares de São Paulo (MOURA; MATSUDO; ANDRADE, 2001; PINTO; ALVARENGA; KOCH, 1997). Quanto aos demais suportes impressos, porém, as frequências de leitura não divergiram significativamente.

Os únicos levantamentos internacionais que, salvo engano, trazem informações comparáveis às aqui descritas são relativos à Península Ibérica. No primeiro (BALÇA et al, 2009), assinala-se a fragilidade dos hábitos de leitura por lazer de alunos portugueses. O estudo espanhol, já citado (LARRAÑAGA; YUBERO, 2005), identificou que quase 30% dos sujeitos seriam “não-leitores” (os quais, segundo os critérios dos autores, corresponderiam aos que leem menos de dois livros por ano) e cerca de 53% seriam “leitores ocasionais” (que leem entre 2 e 10 livros por ano); apenas cerca de 18% deles seriam “leitores habituais”, lendo mais de 10 livros por ano. Se tais parâmetros – arbitrários, certamente, como todos desta natureza – tivessem sido empregados no presente estudo, os resultados teriam sido muito piores.

Muitos paradoxos e algumas hipóteses

Os resultados da pesquisa revelam contradições comuns em levantamentos sobre o tema: embora os sujeitos tenham declarado gostar de ler, isto parece não se refletir em suas práticas reais de leitura. Ou seja, o gosto pela leitura, o reconhecimento da importância de tal atividade e até mesmo as percepções positivas a seu respeito não se mostraram suficientes para a formação de hábitos que se diferenciem dos da média da população brasileira, de acordo com o que se esperaria de estudantes universitários. A falta de tempo, de longe a principal razão alegada para não se ler mais, pode esconder outros pretextos menos nobres: com efeito, se parcela nada desprezível dos alunos que não trabalham também evocou esta justificativa, tudo leva a crer na existência de outros empecilhos, não declarados, que impedem o desenvolvimento de hábitos robustos de leitura.

Para além deste primeiro paradoxo que salta à vista, contudo, há outros que perpassam os demais resultados da pesquisa: como explicar que altas frequências de leitura (cf. tabelas 1 e 4) não se traduzam em maiores quantidades de livros lidos? Ou ainda: o que significam as inconsistências entre os dados relativos às leituras acadêmicas ou profissionais?

Algumas respostas a essas indagações foram ensaiadas nas páginas anteriores. Ao que tudo indica, as leituras acadêmicas ou profissionais concentram-se em textos avulsos ou capítulos de livros. Por outro lado, a questão relativa à quantidade de livros lidos parece ter induzido a pensar na leitura de livros completos, prática aparentemente mais associada aos momentos de lazer; a se confirmar, esta hipótese poderia inclusive explicar em parte (mas não justificar) a desalentadora média global de livros lidos por ano.

A interpretação de tais paradoxos ganha contornos mais claros à luz dos impactos da cultura digital. Em que pese à ausência de análises cruzadas entre as respostas da presente pesquisa (tarefa a ser realizada em trabalhos futuros), há fortes indícios de que a consulta a fontes impressas de notícias e informações, como jornais e revistas, vem perdendo espaço para a leitura digital; assim, seguindo tendência já identificada em sondagem com estudantes de Computação de outros países (SHEN, 2006), pode-se afirmar que a leitura *online* talvez já ocupe o posto de principal fonte de informação para os universitários. Quanto aos livros, no entanto, não parece ocorrer o mesmo: note-se, por exemplo, que os alunos de Computação, usuários mais frequentes da internet, são os que apresentam melhor desempenho nos índices

de leitura anual de livros. Esta suposição parece confirmada por outro estudo, realizado com universitários norte-americanos (MOKHTARI; REICHARD; GARDNER, 2009).

Outros elementos que se somam a este quadro são os relativos aos modos de leitura e às contraditórias informações sobre as motivações para a leitura: são muitos os sujeitos que costumam ler ouvindo música, assistindo à TV ou realizando outras tarefas no computador, e muitos os que se relacionam com esta atividade de forma predominantemente instrumental, ou seja, lendo apenas para localizar a informação de que precisam, a fim de atender a exigências acadêmicas. Práticas de leitura dispersivas, ainda que frequentes, além de fortemente associadas a motivações extrínsecas ou utilitárias, podem ser indicativas de um *perfil leitor* que, em princípio, parece se coadunar com as características da leitura *online*: rapidez, dispersão, superficialidade, fragmentação e objetivos eminentemente práticos (LIU, 2005).

Por outras palavras, o que se quer dizer é que a influência da cultura digital sobre o comportamento leitor não deve ser mensurada apenas por meio de parâmetros quantitativos (tempo, frequência de leitura ou número de obras lidas): é possível supor que práticas típicas da leitura digital sejam transpostas para a leitura em suportes impressos, fazendo com que ela também se torne menos densa. Em suma, a oposição entre as elevadas frequências e as baixas quantidades de leitura, identificada no presente trabalho, talvez possa ser explicada por práticas de leitura pouco intensas e fragmentadas, realizadas por períodos curtos de tempo, características de um *perfil leitor* superficial, que, segundo a feliz expressão de María Engracia Martín Valdunciel (2011), se limita ao papel de um “gestor de informação”, sem filtrá-la ou analisá-la de modo crítico.

É bem verdade que a identificação do perfil leitor dos estudantes não constava entre os objetivos da presente pesquisa, circunscrita nos limites de uma sondagem quantitativa. Ainda assim, os dados apontam para a necessidade de refletir também sobre aspectos extrapolam o perímetro das informações quantificáveis. Os resultados desta pesquisa sugerem que, na média, os participantes cultivam hábitos de leitura pouco profundos, caracterizados por uma atitude passiva e acrítica; uma forma de leitura centrada na informação “factual e concreta”, com vistas a sua mera reprodução (GALVÃO; CÂMARA; JORDÃO, 2012, p. 632).

Neste sentido, é esclarecedor que outras pesquisas apontem para o fato de o principal suporte de estudo de universitários não ser mais o livro, mas sim apostilas ou apontamentos de aula, tanto no Brasil como em outros países (MOURA; MATSUDO; ANDRADE, 2001; TEBEROSKY; GUÀRDIA; ESCORIZA, 1996, p. 106). Relatório recente do “Observatoire National de la Vie Étudiante”, detectou ainda expressiva redução quanto à posse de livros e frequência à biblioteca por parte de universitários franceses (VOURCH, 2010).

Em síntese, a alardeada “crise da leitura” – que parece não poupar sequer os estudantes universitários no Brasil e no exterior – não se traduz apenas na redução de obras lidas ou do tempo dedicado à leitura. Outros elementos, mais sutis, também devem ser levados em conta para descrever o comportamento leitor dos estudantes, tais como as motivações e as formas de leitura. Ler por razões meramente instrumentais (privilegiando apenas a localização da informação com vistas a sua reprodução nas avaliações promovidas pelos professores) e formas de pesquisa superficiais (que visam sobretudo ao acúmulo de informações, às quais não se atribui significado que vá além de sua aplicação imediata) certamente não são atitudes capazes de favorecer o desenvolvimento de práticas autônomas e maduras de leitura. É preciso, portanto, que o docente universitário repense que tipos de leitura devem ser recomendadas aos alunos, buscado também formas para estimular usos menos superficiais da bibliografia indicada.

Para além das médias

Para rematar, cabe referir que a forma de apresentação dos resultados de sondagens como esta pode levar a conclusões precipitadas. Ainda que, no geral, os dados coletados indiquem um quadro desanimador no que diz respeito aos hábitos de leitura dos sujeitos pesquisados, não se deve esquecer que o cálculo das médias oculta informações valiosas. Se, por um lado, 13,47% dos participantes informaram não ter lido nenhum livro nos 12 meses anteriores à pesquisa, quase a mesma quantidade de alunos (9,54%) disse ter lido 10 ou mais livros no mesmo período. O mesmo acontece com relação a outros temas: embora 16,01% dos sujeitos tenham admitido não ler a bibliografia do curso, foram 20,97% os que declararam ler a maior parte dos textos sugeridos (tabela 2); também foram 31,39% os que disseram gostar muito de ler para se distrair e 61,25% os que informaram ler por prazer, gosto ou necessidade própria (tabela 7). Os exemplos poderiam ser multiplicados à exaustão.

É forçoso concluir, pois, que a população pesquisada revelou hábitos de leitura muito variados, o que desaconselha continuar repetindo certas generalizações pessimistas tantas vezes presentes no discurso dos professores. Dada heterogeneidade do comportamento leitor dos estudantes, tratá-los todos da mesma forma, rebaixando-os por uma visão estereotipada e rasa de suas práticas de leitura, certamente não será boa forma de fazer frente ao desafio de tornar a universidade um espaço de construção de leitores assíduos, independentes e críticos.

O presente trabalho teve por objetivo apresentar, em linhas gerais, os resultados da pesquisa com os alunos. O cruzamento dos dados coletados poderá trazer respostas mais precisas aos questionamentos aqui levantados: quais são os perfis leitores dos alunos? Em que medida eles se relacionam às variáveis sociais (escolaridade dos pais, tipo de escola em que se cursou o ensino médio etc.)? Quais são as características associadas aos leitores e aos não-leitores? Como promover, enfim, os hábitos leitores de grupo tão heterogêneo?

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Márcia. Os números da cultura. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001**. 2 ed. São Paulo: Global, 2004, p. 33-46.
- AMORIM, Galeno (org.). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008.
- BALÇA, Ângela et al. Leitores em construção(?). Leitura(s) no ensino superior em Portugal: alguns indicadores. In: MARTOS, Eloy; RÖSING, Tânia M. K. (coords.). **Práticas de lectura y escritura**. Passo Fundo: Universidade, 2009, p. 237-258.
- BAUERLEIN, Mark. Reading at risk. **The Journal of the Midwest Modern Language Association**, EUA, v. 38, n. 1, p. 101-106, 2005.
- BORTOLON, et al. Levantamento das características culturais no hábito de leitura da comunidade acadêmica do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. **ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 3, n. 3, p. 113-122, 1998.
- CARELLI, Ana Esmeralda et al. Leitura na universidade: resultados preliminares de um estudo. Disponível em: <snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/t063.doc>.
- CARVALHO, J. L. F.; CARVALHO, F. A. A.; BEZERRA, C. O monge, o executivo e o estudante ludibriado: uma análise empírica sobre leitura eficaz entre alunos de Administração. **Cadernos EBAPE.BR** (FGV), v. 8, n. 3, p. 535-549, 2010.
- CUNHA, Neide de Brito; SANTOS, Acácia A. Angeli dos. Comprensión de lectura en universitarios cursantes del 1er año en distintas carreras. **Paradigma**, v. 26, n. 2, 2005.
- DÍAZ, J. M.; GÁMEZ, E. Hábitos lectores y motivación entre estudiantes universitarios. **REME: Revista Electrónica de Motivación y Emoción**, v. 6, n. 13, 2006.
- FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2012.
- GALVÃO, A.; CÂMARA, J.; JORDÃO, M. Estratégias de aprendizagem: reflexões sobre universitários. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 93, p. 627-644, 2012.

- GARCEZ, Jacqueline de Souza et al. Hábitos de leitura dos estudantes de enfermagem de Niterói. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental**, v. 2, n. supl., 801-803, 2010.
- JARAMILLO, Bernardo; MONAK SALINAS, Lenin. Comportamento do leitor e acesso aos livros em países da Ibero-América: estudos pelo Cerlac. In: FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2012, p. 191-213.
- KNULST, Wim; VAN DEN BROEK, Andries. The readership of books in times of de-reading. **Poetics**, v. 31, n. 3-4, p. 213-233, 2003.
- LARRAÑAGA, Elisa; YUBERO, Santiago. El hábito lector como actitud. El origen de la categoría de “falsos lectores”. **Revista Ocnos**, n. 1, p. 43-60, 2005.
- LEITE, Sérgio A. S. Alfabetizar para ler. Ler para conquistar a plena cidadania. In: FAILLA, Zoara. **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2012, p. 63-81.
- LIU, Ziming. Reading behavior in the digital environment: changes in reading behavior over the past ten years. **Journal of Documentation**, v. 61, n. 6, p. 700-712, 2005.
- LOURENÇO, Carolina; ZAFALON, Zaira Regina. Estudo sobre o comportamento leitor dos alunos do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Universidade Federal de São Carlos. In: **Anais Eletrônicos do XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação**, Maceió, 2011.
- MARTÍN VANDUCIEL, M. Engracia. Leer y escribir en la universidad: tarea pendiente. **Álabe: Revista de la Red de Universidades Lectoras**, n. 4, 2011.
- MOKHTARI, Kouider; REICHARD, Carla A.; GARDNER, Anne. The impact of internet and television use on the reading habits and practices of college students. **Journal of Adolescent and Adult Literacy**, v. 52, n. 7, p. 609-619, 2009.
- MOURA, E. S.; MATSUDO, S. M.; ANDRADE, D. R. Perfil do hábito de leitura de alunos do curso de Educação Física do Centro Universitário UniFMU. **Revista Brasileira de Ciência & Movimento**, v. 9, n. 2, p. 29-37, 2001.
- OCDE. **Résultats du PISA 2009: Apprendre à apprendre. Les pratiques, les stratégies et l’engagement des élèves (Vol. III)**. PISA: Edições OCDE, 2011.
- OLIVEIRA, Maria Helena Mourão Alves de. Funções da leitura para estudantes de graduação. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 1, n. 1, p. 61-68, 1996.
- OLIVEIRA, R. A. M.; OLIVEIRA, K. L. Leitura e condições de estudo em universitários ingressantes. **PSIC: Revista de Psicologia da Vetor Editora**, v. 8, n. 1, p. 51-59, 2007.
- PINTO, Célio J. A.; ALVARENGA, Marco A. P.; KOCH, Raquel A. A. Hábitos de leitura e compreensão de texto entre universitários. In: WITTER, Geraldina P. (org.). **Psicologia, leitura e universidade**. Campinas: Alínea, 1997, p. 133-166.
- RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil. Reflexões a partir do INAF 2001**. 2 ed. São Paulo: Global, 2004.
- SHEN, Li-Bi. Computer technology and college students’ reading habits. **Chia-Nan Annual Bulletin**, v. 32, p. 559-572, 2006.
- SILVA, M. J. M.; SANTOS, A. A. A. A avaliação da compreensão em leitura e o desempenho acadêmico de universitários. **Psicologia em Estudo**, v. 9, n. 3, p. 459-467, 2004.
- TEBEROSKY, A.; GUÀRDIA, J.; ESCORIZA, J. Las prácticas de lectura en estudiantes universitarios. **Anuario de Psicología**, n. 70, p. 85-107, 1996.
- VÉLEZ, Gisela; RAPETTI, Marcela. “Algo para leer”. Las elecciones de los ingresantes universitarios. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 45/3, p. 1-12, 2008.
- VOURCH, Ronan. Les étudiants, le livre et les bibliothèques universitaires. **Bulletin des Bibliothèques de France**, t. 55, n. 5, p. 13-16, 2010.
- WITTER, Geraldina P. (org.). **Psicologia, leitura e universidade**. Campinas: Alínea, 1997.